



VEJA como nossa história se perde. Amontoadada num barracão. Jornal de
Domingo, Campinas, 08 dez. 1985.

Veja como nossa história se perde. Amontoadada num barracão.

O caminho não é difícil. Vá até Barão Geraldo. Entrando na Unicamp, siga até a área do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Lá, busque pelo barracão de Economia. Chegando, a rota passa a ser a de um corredor escuro. No fim deste, numa sala, é que estará o que se procura. Para muitos, um tesouro.

E não se assuste se pensar que ele está realmente perdido. Afinal, se encontra numa sala de luminosidade imprópria, empoeirado, deteriorando-se no tempo e cercado de teias de aranha, mofo e pó por todos os lados amontoados. Mas, como qualquer "explorador" bata o pé, esqueça que no teto tem uma abertura por onde até um pássaro já entrou, e então folheie com cuidado a história do Brasil, transcrita nos exemplares do Correio da Manhã. Órgão

da imprensa carioca, que cerrou suas portas em 1974 (depois de pressões econômicas do regime militar), ele agora está voltando à vida, lembrado nas homenagens prestadas no último dia 26 à sua proprietária, Nioimar Moniz Sodré Bittencourt. E parte dessa trajetória está aqui em Campinas, no acervo do Arquivo Edgar Leuenroth, da Unicamp. Mas, como toda a história nacional, os exemplares do Correio da Manhã ali guardados ainda esperam melhor local para serem preservados. Além do Arquivo Edgar Leuenroth, outra coleção igual só existe na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. O que — contudo — não diminui a necessidade de manter-se aqui o que há. Pelo menos em nome do passado, do presente e, quem sabe, do "futuro". Reportagem: Ronaldo Faria

VEJA como nossa história se perde. Amontoadas num pátio. Jornal de
Domingo, Campinas, 08 dez. 1985.

FL



33478 F2

**VEJA como nossa história se perde. Amontoada num barracão. Jornal de
Domingo, Campinas, 08 dez. 1985.**

Arquivo histórico não dá votos, e talvez por causa disso mesmo a ele não é legado, no Brasil, maior atenção. Aliás, parte da história nacional sobrevive mesmo graças a reestudos e releituras daqueles que ainda lutam contra a "história oficial", tantas vezes oficiosa. Entretanto, de uma coisa os funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth sabem: esta função, de preservar a história popular, dá, no mínimo, dor de cabeça, doença de pele e muito trabalho.

Criado em 1974, quando a Unicamp adquiriu a biblioteca e a coleção de jornais, revistas, folhetos e manuscritos que pertenciam ao dirigente sindical Edgard Leuenroth, o Arquivo veio a funcionar efetivamente dois anos depois, quando o material pôde então, catalogado e preparado, chegar ao público em geral. Porém, apenas esse ano o órgão, ligado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas — do qual recebe parte da verba —, conseguiu conquistar maior espaço e, logo, condições mais efetivas de trabalho. Em seu acervo, como centro de documentação e pesquisa em História Social, há de tudo um pouco, ou muito.

São milhares de livros, folhetos, revistas (títulos estrangeiros e nacionais), jornais (estrangeiros e nacionais), fotografias, microfilmes, filmes e discos. Em todos, momentos importantes da História nacional e da América Latina. Além do Acervo Edgard Leuenroth, sobre o movimento operário brasileiro já encontram-se o Acervo Lourenço Moreira Lima, sobre a Coluna Prestes; o Acervo Astrojildo Pereira, com sua atividade literária e a que foi ligada à fundação do Partido Comunista Brasileiro; o Acervo Octávio Brandão, sobre o movimento anarquista; o Acervo Arthur Bernardes, que mostra a história republicana brasileira na década de 20 e mais de dez outros acervos imprescindíveis à verdadeira trajetória histórica do país e de outras nações do continente.

Nele trabalham três funcionários de nível universitário e quatro auxiliares, quando este número deveria, no primeiro caso, dobrar. Contudo, o Arquivo já teve uma vitória este ano: se antes via todo o seu extenso material guardado em uma sala apenas e um corredor, agora ele já ocupa maior espaço. Mas nem por isso tudo "são flores". Ao contrário, ainda há muito a se conquistar. E muito do que ainda se precisa é apenas uma questão de querer se preservar o que já há, ou ter bom senso. Só que os dois não dependem só da vontade do pessoal do Arquivo.

A árdua batalha

Na sala a música que toca, vinda de uma rádio FM, mostra "a festa de arromba em que o cantor foi parar". E realmente, saindo-se do barracão onde está o material do **Correio da Manhã**, é essa impressão que se tem: a de uma festa de arrom-

ba. Afinal, em toda festa desse tipo a casa em que esta foi realizada fica um caos — no popular "de pernas para o ar". Mas, chegando-se ao prédio onde está o Arquivo Edgard Leuenroth, a idéia passa a ser outra. E a conclusão a que efetivamente se chega é de que não são as pessoas que trabalham nele as responsáveis pelo "fim de festa".

— Temos o acervo do **Correio da Manhã** há dois anos. Foi um pouco a questão de pegar ou largar. Quem o possuía em São Paulo não podia mais mantê-lo. Entretanto, também queria que a sua vinda para cá fosse urgente. Uma coisa meio corrida. Assim, o lugar encontrado foi o barracão para guardá-lo.

Marisa Zanatta, diretora-técnica do Arquivo Edgard Leuenroth, explica as condições em que se encontra o acervo do matutino carioca e mostra o espaço que hoje tem para manter todo o material sob sua responsabilidade. "Hoje não temos condições de fazer a restauração do material perdido pela ação do tempo. Atualmente só conseguimos recuperar, limpar e colar o que há, pois estamos sem a estrutura pra fazer mais."

Na verdade Marisa coordena um mundo de conquistas, onde tudo que existe foi na sua quase totalidade motivo de pedidos e esforços. Mas, andando-se pelo Arquivo, descobre-se que ainda faltam coisas práticas, como estantes, por exemplo. Essas estantes fariam com que, de forma direta, o acervo do **Correio da Manhã** já pudesse ficar no prédio onde se encontra o restante do material.

— O que vemos é que a idéia de preservação histórica é uma coisa muito recente, por isso ainda há problemas quanto à destinação de verbas para esse setor. Nos últimos tempos é que isso começou a mudar. Agora nós vemos que o próprio governo do Estado já apóia a constituição de arquivos municipais.

Para Marisa Zanatta, essa mudança de mentalidade inicia uma nova dinâmica e um espaço de esperanças para a área e, logo, o Arquivo Edgard Leuenroth. Mas, reconhece a diretora-técnica do órgão, ainda se necessita de maior espaço, melhoria nas instalações, mão-de-obra especializada e até cortinas, para impedirem a ação do sol.

— Nosso trabalho é difícil. Muito do material que recebe-

mos são manuscritos e, assim, é preciso separar e catalogar, se inteirar da caligrafia da pessoa e muito mais. Todo o trabalho dura muito tempo. Só que cada vez chega mais material e não há gente para dar conta de tudo. Como ainda não temos um acondicionamento próprio para um arquivo, com aparelhos para controle do ar e da umidade, surge o problema de, com isso, correr o risco de perder material.

"O problema — reconhece Marisa — na verdade é verba." O trabalho do Arquivo Edgard Leuenroth é feito com verbas vindas do IFCH (principalmente cotas de material) e de trabalhos com projetos e doações de instituições de pesquisa do Brasil e do Exterior. Há idéia de se montar no Arquivo, para que ele funcione sem problemas, um laboratório destinado a recuperar obras. Mas isso é caro. Assim, para o órgão fica a esperança que o Departamento de História da Unicamp efetivamente inicie um curso de especialização na área. Isto poderia, pelo menos, reduzir a falta de gente especializada.